

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

Cássia Maria Valério da Silva Nascimento

E-mail: cassiasilva.flor.2014@gmail.com

O presente artigo versa sobre a afetividade como influenciadora na aprendizagem da criança e conseqüentemente na formação integral da mesma. Tendo como objetivos, entender como acontece o processo de construção da afetividade e sua influência na formação da autoestima bem como compreender o papel do professor enquanto mediador no processo de construção da afetividade e no desenvolvimento cognitivo da criança. Este trabalho se ampara em pesquisa bibliográfica, onde a fundamentação teórica foi ancorada na teoria de Piaget, Vygotsky, Wallon, Cunha, Cury e Saltini, além da contribuição de outros autores. Esses esclarecem a necessidade da afetividade, reconhecendo que o cognitivo está associado aos estímulos do afeto. Os resultados da pesquisa mostram que os sentimentos e as emoções dos alunos precisam ser considerados, pois estão inteiramente ligados ao desenvolvimento cognitivo, social e psicológico da criança e irão influenciar positiva ou negativamente no processo de aprendizagem cotidiano na vida escolar. Assim sendo, para se obter uma aprendizagem significativa onde a criança se desenvolva integralmente de forma saudável, é fundamental que haja um bom relacionamento afetivo entre professor e aluno.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem significativa. Prática docente.

INTRODUÇÃO

O interesse em realizar esta pesquisa abordando o tema em estudo, surgiu a partir de vivências em sala de aula e discussões no curso de pós-graduação, induzindo a uma reflexão sobre a afetividade e sua importância na prática educativa de qualidade.

É de grande relevância reconhecer que a afetividade e a aprendizagem sempre estiveram presentes no âmbito educacional. E os filósofos da educação trouxeram ademais contribuições ampliando assim este tema.

Segundo DALGALARRONDO (2008, p.155),

A afetividade é um termo genérico que compreende várias modalidades de vivências afetivas, como o humor, as emoções e os sentimentos. A vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. Sem a afetividade, a vida mental torna-se vazia, sem sabor.

Desse modo, a afetividade é quem confere o modo de relação do indivíduo à vida, e será através da tonalidade de ânimo que a pessoa perceberá o mundo e a realidade. A partir do seu estado de humor, o indivíduo cria a forma de receber o mundo dentro de si. Por isso, a mesma tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo.

Para Wallon (1968, p. 117 apud ALMEIDA, 2007, p. 17), a inteligência não é o componente mais importante do desenvolvimento humano, mas esse desenvolvimento é

formado por três dimensões – a motora, a afetiva e a cognitiva –, que coexistem e atuam de forma integrada.

A convivência social é permeada por questões afetivas que determina a formação da personalidade do indivíduo desde o nascimento onde se constitui a composição de significações decorrentes nas experiências vivenciadas.

A função da afetividade num contexto de desenvolvimento integral da criança, pretende em tese, conhecer a relação dos vínculos afetivos socialmente construídos no âmbito educacional e o êxito de uma aprendizagem mediada pelo adulto, neste caso, o professor.

Constata-se que,

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem.
(GIANCATERINO, 2007, p. 74).

Desta forma, este estudo também objetivo expor a importância da afetividade no processo formativo da criança, entender como acontece o processo de construção da afetividade bem como sua influência na formação da autoestima e compreender o papel do professor enquanto mediador no processo de construção da afetividade e no desenvolvimento cognitivo da mesma.

A metodologia desta pesquisa foi de abordagem quantitativa. A pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. (POLIT, BECKER E HUNGLER, 2004, p. 201).

Sendo de natureza bibliográfica descritiva. Bibliográfica, porque segundo Fonseca (2002, p. 32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Assim sendo, para a construção desta pesquisa, foram utilizados textos de referência em sites científicos, enfocando a questão da afetividade como influenciador na aprendizagem da criança e conseqüentemente na formação integral da mesma. Dentre as referências teóricas sobre afetividade, adotou-se como principais para análises de estudo, as produções de Piaget, Vygotsky, Wallon, Cunha, Cury e Saltini, dentre a colaboração de outros autores. Assim, juntamente com estatísticas sobre a questão, é que o trabalho terá seu desenvolvimento e o referencial teórico como norte para a concretização dos objetivos propostos.

Portanto, o estudo será discutido com base nas contribuições dos filósofos da educação já supramencionado, no qual as informações aqui apresentadas, mostrarão que para se obter uma aprendizagem significativa onde a criança se desenvolva integralmente de forma saudável, é fundamental que haja um bom relacionamento afetivo entre professor e aluno.

DESENVOLVIMENTO

A formação da afetividade e a construção do conhecimento: Uma breve reflexão de quando tudo começa

É relevante compreender como acontece a construção do conhecimento na criança a partir da afetividade, ressaltando que a sua interação com o outro e/ou com o meio externo contribui na construção do eu. Em sua época, o filósofo Jean Piaget em seu ponto de vista, alegava que não existem estados afetivos sem serem permeados por elementos cognitivos, semelhantemente não existem desempenhos cognitivos sem uma carga afetiva.

Segundo Santos (2004, p. 9), “o nascimento da criança, do ponto de vista biológico, é um acontecimento repentino e dramático”. No entanto, a formação ou “nascimento” psicológico, é decorrente das vivências entre a criança, o outro e o meio em que ela está inserida.

Segundo Galvão (2003, p. 43),

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva [...]. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente.

Em suas ideias, Wallon mostrou que as crianças têm corpo e emoções na sala de aula e não apenas cabeça. A sua teoria pedagógica, relata que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais que um simples cérebro. Este desenvolvimento ocorre através de vários estágios, e nesses estágios, a inteligência e a afetividade vão alternando em termos de importância.

Ao analisar a teoria Walloniana sobre o desenvolvimento da criança, Galvão (2003), afirma que no contexto do desenvolvimento infantil podem-se identificar a existência de etapas diferentes, mas que estão integradas gradualmente. Cada etapa tem suas peculiaridades, delineadas pela predominância de um tipo de atividade. Tais predominâncias estão ligadas aos recursos que a criança dispõe para interagir com o ambiente.

São cinco os estágios propostos por Wallon, cada qual com sua especificidade. O primeiro, “impulsivo-emocional” que abrange o primeiro ano de vida, cujo foco principal é a emoção (predomínio afetivo). O “sensório-motor e projetivo”, que vai até o terceiro ano, quando o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico (predomínio

cognitivo). O do “personalismo”, que cobre a faixa dos três aos seis anos, cuja tarefa central é o desenvolvimento da personalidade, a construção da consciência de si (predomínio afetivo). O estágio “categorial” inicia-se aos seis anos. Cujas ênfases recaem para os avanços dos progressos intelectuais, dirigindo o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior (predomínio cognitivo). E finalmente o estágio da “adolescência”, quando a fase da puberdade impõe a necessidade de novos contornos da personalidade em função das mudanças corporais, trazendo à tona questões pessoais, morais, existenciais, retomando a predominância da afetividade.

Assim sendo, é importante considerar cada etapa mencionada por Wallon para que a criança possa se desenvolver cognitivamente saudável. Reconhecendo a importância do papel do outro e dos espaços destinados às crianças e das possibilidades que as relações entre crianças-crianças, crianças-adultos e as experiências coletivas possuem no sentido de contribuir na construção do conhecimento e desenvolvimento da mesma. Uma vez que, o indivíduo começa a construir sua personalidade e/ou individualidade desde criança, a partir das relações estabelecidas em diferentes contextos.

Frente à descoberta do meio em que vive e de sua própria identidade, a criança usa como referência a percepção de ações e comportamentos dos adultos com quem convive diariamente. Por isso, o desenvolvimento infantil é então caracterizado por um constante estado de adaptação às situações diferenciadas que o meio oferece como estímulo. É válido ressaltar a importância do adulto que acompanha a criança em ser o facilitador de diversidade de situações na qual ela possa desenvolver os conhecimentos da relação entre si, os objetos e o mundo a sua volta.

Concomitantemente, quando a criança ingressa na escola, se depara com novas regras, ao contato com novas pessoas, a novas situações, estabelecidos a partir do interesse da instituição educacional. Contudo, ao entrar na escola a criança leva consigo tanto conhecimentos quanto vivências afetivas, estas devem ser consideradas no cumprimento da instrução escolar, devido à considerável influência do aspecto afetivo à construção dos novos conhecimentos.

A afetividade como recurso influenciador na construção da autoestima

A afetividade é o requisito fundamental para o desenvolvimento da autoestima e aprendizagem, pois especificadamente, a sala de aula deve revestir-se de sentimentos de valorização do outro, de respeito mútuo, de compreensão e atividades dinâmicas. A autoestima é a chave que nos possibilita sair de situações aparentemente sem solução, ela nos encoraja ou desencoraja em nossos pensamentos e sentimentos.

Para Branden (2002), a autoestima quando é totalmente internalizada, evidencia que o indivíduo está propício a ser capaz de solucionar as exigências de situações cotidianas. Assim sendo, autoestima é:

1. Confiança em nossa capacidade de pensar; confiança em nossa habilidade de dar conta dos desafios básicos da vida; e 2. Confiança em nosso direito de vencer e sermos felizes; a sensação de que temos valor e de que merecemos e podemos afirmar nossas necessidades e aquilo que queremos alcançar nossas metas e colher os frutos de nossos esforços. (BRANDEN, 2002, p. 22)

Ainda segundo o autor supracitado, a autoestima é consequência de uma interiorização de estima que a criança percebe que o adulto tem por ela, é o valor e importância que a criança dá a si mesmo diante dos relacionamentos com os diferentes grupos sociais e nas mais variadas situações cotidianas, autoestima que, sendo positiva determinará um comportamento coerente com os valores e princípios formadores da personalidade.

Barreto (2010) reforça que a autoestima passa pela rede relacional e contextual. Assim, a consciência e a construção de identidade de si nascem de uma relação de comunicação com o outro. O outro funciona como espelho: a partir de como o outro me vê, eu construo a minha própria imagem e a minha autoestima.

Sendo assim, as bases para a formação da autoestima são definidas tanto por fatores internos, aquilo que o indivíduo pensa, realiza ou acredita, quanto por fatores externos, todas as experiências vividas socialmente.

De acordo com Cunha, o desenvolver do afeto será algo determinante na vida do aluno, pois o mesmo sendo amado sentirá o desejo de aprender e conseqüentemente, este saber adquirido elevará sua autoestima e o tornará feliz. Nisso Cunha (2008, p. 69) relata que:

Há professores – mesmo com pouquíssimos recursos – o que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dinamos de inteligências, mesmo recitando o catálogo telefônico. Pode ser um exagero usar o catálogo como metáfora, mas na verdade, em nossa memória, o que mais conservamos são as coisas que nos afetam, para o bem ou para o mal.

Parafrazeando o autor referido, percebe-se que é de suma importância que o docente saiba a partir dos recursos que possui juntamente com o recurso chamado afeto, realizar uma boa aula, transformando-a numa indelével experiência de aprendizado a qual vai deixar marcas positivas na vida do educando.

Diante disso, é sabido que, o ser humano é um ser social que vive em uma incessante adaptação ao meio buscando satisfação e estabilidade pessoal, bem como a necessidade de se relacionar com os outros seres. Frente às mudanças culturais e morais das sociedades contemporâneas, a estabilidade emocional, muitas vezes não encontrada no meio em que o indivíduo está inserido, necessita que a mesma seja criada pelo próprio ser, que nesse processo de adaptação, busca a satisfação afetiva, o bem-estar.

A importância do desenvolvimento da autoestima para a vida humana pode ser justificada pelo fato de que dependemos do uso apropriado da consciência para sobreviver e

dominar o meio em que vivemos e que o uso correto dessa consciência não é habilidade nata, e sim construída sob uma responsabilidade social (BRANDEN, 2002).

Assim sendo, Oliveira e Braga (2009, p. 32) afirmam que “ligações afetivas iniciais formam a base para os sentimentos de ser amado, valorizado e são necessárias para a autoimagem”. Em vista disso, tanto a autoestima quanto a autoimagem estão integralmente fundamentadas sobre a mesma estrutura, onde os indivíduos estabelecem entre si os tipos de interações sociais.

Os pais e a escola devem se esforçar em contribuir para que a criança adquira confiança para assumir riscos, estimulá-la a superar desafios e dificuldades, resolver situações de conflitos, elogiar a criança pelos seus acertos e ajudá-la a se sentir mais segura nos momentos de fracasso e dificuldades, desafiando-a e encorajando-a a enfrentar e superar situações difíceis.

Os educadores precisam entender que o ato de ensinar requer afeto e que quando existe prazer em aprender, certamente aprende-se melhor. A construção de uma autoestima saudável só é possível através do afeto, imagem positiva de si mesma, estímulos positivos, respeito e reconhecimento do valor de cada um.

O desenvolvimento de atividades que contribuam com a elevação da autoestima dos alunos, deve fazer parte do planejamento escolar, assim como, o método que a escola utiliza, pois, de nada adianta nos preocuparmos apenas com o método, sabendo que a autoestima é o combustível da motivação e a certeza da capacidade de aprender de cada um.

Portanto, uma criança com a autoestima saudável é capaz de aprender com mais facilidade, se relacionar bem com as pessoas, desempenhar suas funções com confiança e competência.

O docente como mediador no processo de construção da afetividade e desenvolvimento cognitivo da criança

[...] a afetividade deve estar presente na prática do educador [...] os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.
(CURY, 2008, p. 48)

O procedimento educacional necessita do profissional da educação um papel de mediador no processo de ensino aprendizagem do alunado. Nessa mediação, o docente pode dispor de uma ferramenta facilitadora para esse processo: a afetividade. Nesse sentido (Brito; Kassis, 2011), vislumbra a figura do professor como aquele quem media o processo de ensino e de aprendizagem, sendo o sujeito motivador e estimulador à aprendizagem, visto que ele é o maior responsável pelas estratégias de ensino em sala de aula.

Cunha (2008), mostra a importância que o professor deve ter ao procurar conhecer o seu aluno de forma particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento

cognitivo de seu aluno, para que possa utilizar-se de recursos adequados e ao mesmo tempo estimulativos, facilitando assim de forma significativa o aprendizado do mesmo. Para Piaget (2005), a afetividade é um dos principais elementos da inteligência, ela pode ajudar no desenvolvimento do aluno. Daí a importância de compreender melhor o indivíduo e efetuar uma prática pedagógica afetiva.

Educar não é simplesmente transmitir conhecimentos, mas conceder possibilidades para o aluno aprender através de meios (ênfase no afeto como um dos meios), onde o mesmo sinta anseio em estudar. Decorrente a isso, Cunha (2008, p.51) alega que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrrompe em lugares que, muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares, e pessoais e até comportamentos agressivos. Na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

É válido mencionar que a afetividade é uma ferramenta primordial para o auxílio do docente. Logo, ela torna-se um norte promissor no processo de ensino aprendizagem, onde através da mesma o educando passa a ter empatia pelo docente, sentindo-se instigado a aprender mediante o afeto.

Silva e Schneider (2007), afirmam que:

A relação entre professor e aluno exerce grande importância para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da inteligência emocional e para o processo avaliativo da aprendizagem. [...] a aquisição da aprendizagem inicia-se a partir das primeiras relações afetivas da criança, voltada diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, na socialização e nas interações humanas.

Desse modo, o desenvolvimento afetivo desempenha uma potente influência no cognitivo. Uma vez que, quando a criança se sente amada e respeitada pelo seu professor, certamente o rendimento da aprendizagem melhora, pois ela sentirá vontade de aprender. Caso não haja uma reciprocidade de afetos, sentirá o oposto supracitado. Desta forma, percebe-se como um relacionamento agradável entre docente e discente auxilia como um todo em ambas as partes.

Enquanto profissionais da educação, devemos refletir acerca da nossa prática pedagógica, que a mesma não se limita em transmitir conhecimentos para os alunos, mas construí-los a partir da interação afetiva com o outro. Vygotsky tem a ideia de interação social e de mediação como ponto central do processo educativo. Para o referido autor, esses elementos estão relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos.

Nisso Saltini (2008), relata que é através da interação afetiva, do aluno com o professor e com seus colegas de classe, que ocorre a troca de informações através do diálogo, em que o aluno vai se desenvolver intelectualmente na interação das atividades.

Portanto, as relações existentes em sala de aula entre educador e educando são de fundamental importância para o processo de ensino aprendizagem. Uma vez que, os sentimentos e as emoções dos alunos precisam ser considerados, pois estão inteiramente ligados ao desenvolvimento cognitivo, social e psicológico da criança e irão influenciar positiva ou negativamente no processo de aprendizagem cotidiano na vida escolar. Concerne então ao docente analisar de que maneira a afetividade e a construção de valores estão acontecendo nesse ambiente. Sendo que uma relação afetiva saudável torna o clima mais propício a aprendizagem. (DANTAS et al., 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante estudos realizados referentes à influência da afetividade no processo de aprendizagem, esta pesquisa permitiu esclarecer que a afetividade é um elemento facilitador e motivador desse processo.

As relações sociais de cada indivíduo são construídas desde o seu nascimento e alicerçadas por meio do afeto, independentemente do nível social e cultural. É no período da infância que se constrói a base da identidade, e que os adultos que convivem com a criança tornam-se referência comportamental e moral, servindo como modelos a serem seguidos.

É notório que todo ser humano necessita de afeto nos mais diversos contextos. Na sala de aula, não é diferente, pois a própria relação estabelecida entre docente e discente requer a presença da afetividade. Neste seguimento, o docente representa um ponto crucial no relacionamento.

Sendo assim, é importante que o professor conheça bem as teorias do desenvolvimento humano na tentativa de compreender seu aluno nos diferentes momentos em que este pode estar ou ter enfrentado emocionalmente. Que possa refletir acerca da relevância da afetividade em sala de aula, onde os alunos possam ser compreendidos, respeitados e aceitos. Tendo sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades.

Quando o professor se apropria de uma prática pedagógica afetiva pode estimular não só a relação afetiva, como a questão cognitiva e social do aluno. Nessa relação, a afetividade é de suma importância para que o processo de aprendizagem ocorra satisfatoriamente. Em vista disso, os educadores precisam entender que o ato de ensinar requer afeto, quando existe prazer em aprender, certamente aprende-se melhor, pois a autoestima do aluno é elevada e a aprendizagem se torna construtiva.

Portanto, por meio dos aspectos fundamentados nas discussões dos autores, conclui-se que a afetividade é um elemento fundamental e facilitador no processo de construção do conhecimento. Uma vez que, os sentimentos e as emoções dos discentes precisam ser levados em consideração pois, estão ligados ao desenvolvimento da criança como um todo e irá influenciar de forma positiva ou negativa na formação integral dela.

REFERÊNCIAS

ALMEIRA, Laurinda Ramalho de. (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Ed. Loyola. 2007.

BRITTO, D. F.; KASSIS, R. N. **Do interesse escolar à aprendizagem significativa: a relação professor-aluno em um contexto motivador**. Anais do seminário de produção acadêmica de Anhanguera. SARE. Anhanguera, v.2.2011.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wark, 2008.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DANTAS, E. S.; SANTOS, M. J. dos; SANTOS, V. dos. **A afetividade e a construção de valores em sala de aula: ensinando com amor, aprendendo com carinho**, 2011.

DANTAS, Heloysa, LA TAILLE, Yves, OLIVEIRA, Marta Kohl. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, J. P; BRAGA, T. M. S. (Org). **Desenvolvimento Infantil: perspectivas de atuação em educação e saúde**. Marília: Fundepe, 2009.

PIAGET, J. **A relação da afetividade com inteligência no desenvolvimento da criança**. Vol. 26, n.3, 1962.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SILVA, J. B. C.; SCHNEIDER, E. J. **Aspectos socioafetivos do processo de ensino e aprendizagem**. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG. v.3, n.11, p. 83-87, jul-set. 2007.